

Centro de Formação de Professores
Biblioteca / UFPB - Cajazeiras - Pb.

UFPB

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
CAMPUS V - CAJAZEIRAS - PB.
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

ESTE LIVRO NÃO PODE
SAIR DA BIBLIOTECA

Pedagogia



— DOCUMENTO —

Uma nova experiência do estágio de Supervisão Escolar.

Cajazeiras - Agosto / 1987.

ESTE LIVRO NÃO PODE
SAIR DA BIBLIOTECA

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E LETRAS
CURSO - PEDAGOGIA

- DOCUMENTO -

Uma Nova Experiência do Estágio de
Supervisão Escolar

Cajazeiras, Agosto de 1.937.

ESTE LIVRO NÃO PODE
SAIR DA BIBLIOTECA

- Coordenação / Estágio

- . Maria Ilbaniza Gomes
- . Raimunda de Fátima Neves da Silva

- Planejamento e Execução

- . Estagiária
Maria Vilani Pereira de Araújo

- Campo / Estágio

- . Escola Estadual de 1º Grau Venâncio Dias
Monte Horeb - Paraíba.

Dedico aos meus filhos Kalinna Emanuella,
João Nazário e Víctor George, que apesar da incência
reinada nas suas cabeças, sofreram a ausência da mãe sem
nenhuma expressão triste, tornando-se assim criaturas
imprescindíveis ao eterno carinho materno.

A minha mãe Amélia Pereira de Sousa, que
compartilhou nos meus ideais ajudando-me a enfrentar
quaisquer obstáculos como mãe, amiga, irmã e companheira.

Maria Vilani Pereira de Araújo.

"A Educação tem caráter permanente.
Não há seres educados e não educados. Estamos
todos nos educando.

Existem graus de educação, mas es-
tes não são absolutos." (FREIRE, s.d.)

(PAULO FREIRE)

SUMÁRIO

1. Introdução
2. Sistematização do Trabalho
3. Considerações Finais
4. Referências Bibliográficas
5. Anexos
 - 5.1. Plano de Trabalho
 - 5.2. Fichas de Leitura
 - 5.2.1. Leituras Específicas
 - 5.2.2. Leituras Gerais

Introdução

Num país cada vez mais ameaçado por reducionismo perverso ou pela perda do sentido da educação, ninguém mais do que o educador deve procurar preservar os horizontes múltiplos e abertos essenciais à educação. Tendo em vista uma verdadeira crise educacional revoltante para todos nós, sem resoluções de melhorias previstas, nós, os educadores, mediante essa crise, devemos participar constantemente do trabalho educativo em nossa comunidade, com o intuito de levar à frente uma educação que venha de encontro à nossa realidade, podendo assim trabalhar de forma concreta com o educando. Levando em conta, principalmente que "... a organização da palavra - instrumento básico na construção da existência de qualquer ser humano."¹

Deixa forma, ao iniciar minhas atividades deparei-me com uma situação constrangedora, tendo em vista a falta de orientação pedagógica naquele estabelecimento de ensino, o que me impulsionou, tomando iniciativas como educadora, levando em conta o posicionamento de cada professor e administrador. Comecei a trabalhar colocando os mesmos a par de novos assuntos, métodos e conteúdos que deveriam ser trabalhados para um melhoramento no tocante ensino-aprendizagem através de palestras, leituras de textos informativos e específicos, entendendo-se assim, como poderíamos mudar de forma que o educando não se sentisse prejudicado ou ofendido.

Através dos esforços dos educadores a situação do ensino-aprendizagem poderia melhorar tendo como prioridade a criatividade dos alunos. Orientando a trabalhar com a sala de leitura, técnicas, exercícios recreativos, captando conversas paralelas partindo de onde o aluno está até atingir o seu objetivo, porém, por conta dessa compreensão, a situação do ensino-aprendizagem melhorou a criatividade dos alunos.

¹ Hermínio SARGENTIM, "Atividades de Comunicação em Língua Portuguesa", (IBEP), (São Paulo, 1986). p. ---

Assim sendo, o presente trabalho teve como objetivo : conhecer a realidade da escola, visando a melhoria da orientação pedagógica a ser desenvolvida de acordo com as necessidades do educando, procurando sempre minimizar os problemas existentes, adequando as tarefas aos objetivos previstos, explorando a criatividade do educando, fazendo-se assim, entender a importância do convívio, do diálogo e da troca de idéias que, reunidas, formam um contexto mais amplo, conscientizando a todos o significado do trabalho em grupo.

Sistematização do Trabalho

A Supervisão Pedagógica é um trabalho científico, requer a pesquisa, a experiência, o conhecimento e trabalho. E como qualquer ciência em trabalho, a Supervisão Pedagógica também, tem como principal objetivo a observação dos fatos e um método próprio, considerando-se assim um conjunto organizado de conhecimentos sobre determinado objeto. Portanto, é através deste documento que apresento o desenrolar do meu trabalho durante todo o Estágio Supervisionado de Supervisão Escolar.

Partindo dos objetivos gerais do Estágio de Supervisão Escolar, esse se deu em algumas etapas, onde iniciei com uma reunião entre professores, pais e alunos. Obtive bons êxitos pois, com idéias reunidas me abriram os horizontes para que eu pudesse dar continuidade aos meus trabalhos pedagógicos. Dando seguimento com a leitura de um texto extraído da Revista Nova Escola: "Como Deve Ser o Diretor Ideal?", tendo em vista a ausência de diretor naquele estabelecimento e prevista a entrada de um outro que, de forma crítica, objetiva e aceitável participou das tarefas a ele cabíveis e se comprometeu com seus deveres sem interferência partidária.

Não menosprezando os métodos usados pelos professores, trabalhei com os quais a leitura e a escrita, tendo em vista a agressividade por parte de um professor que, de forma questionável, aplicava o castigo, jogando o aluno para a Diretoria sem lhe distribuir tarefas; o que deixou o aluno desordenado e mal acostumado, causando espancamento brutal por parte da sua mãe, não mais acontecendo depois que orientei ~~os~~ a usar a Sala de Leitura como forma progressista e animadora para o ensino-aprendizagem no seu dia a dia.

Prosseguindo com o texto "Como você usa o castigo em sua sala de aula?" com entrevistas de professores de vários estados do país, extraído da Revista Nova Escola, houve leitura e reflexão chegando-se à conclusão de que deveríamos nos unir e

usar o jogo da verdade para com os alunos, desconhecendo o castigo. Pra isso, continuei aplicando textos que vêm de encontro à realidade daquele educandário, realidade essa, que muito destaca o fracasso, a antidemocracia, a mediocridade, mostrando como é a Educação mediante o sistema político que diz ser "Nova República", mas que não passa de uma continuidade problemática do Brasil-Colônia. Trabalhamos o texto "O Grande Desafio", extraído da Revista Criança e Escola; onde trata do trabalho efetivo e constante do professor, que por sua vez tem a função de trabalhador da vida e da Educação, procurando atingir os seus objetivos para com eles tornarem-se atingidos os objetivos dos alunos. Esses textos foram debatidos e questionados, tendo como objetivo principal a procura de soluções para a defasagem do ensino.

De acordo com os resultados obtidos através dos textos informativos, passamos a trabalhar textos específicos extraídos do livro "Anotações Sobre Metodologia e Prática de Ensino na Escola de 1º Grau", assim sendo: "O Ensino da Língua Portuguesa", "O Ensino das Operações Matemáticas" e "O Professor e a Metodologia do Ensino" e "O Professor e o Ensino de Ciências", "Aspectos Pedagógicos no Ensino dos Estudos Sociais" e "Dificuldades na Aprendizagem dos Estudos Sociais".

Esses textos tiveram como principal objetivo tornar-se extremo o estudo das mais variadas formas de metodologia e Prática de Ensino na Escola de 1º Grau, para que não seja jogado e trabalhado de maneira que o aluno sinta, ou seja, descubra a repetição e a defasagem no tocante ensino-aprendizagem.

Em seguida, trabalhamos com o assunto "AIDS, Uma Nova Lição no Quadro Negro", orientando de forma educativa o que é a AIDS, usando assim, uma linguagem simples para que o aluno não deturpasse as frases transmitidas pela televisão e rádio, fazendo perguntas construtivas ou não, que na verdade era o que nos preocupava, pois os alunos viviam a comentar pelos corredores do estabelecimento e/ou mesmo em sala de aula através de conversas paralelas, o que hoje não se ouve mais, comprovando

assim, que um esforço a mais é sempre gratificante.

Finalizamos nossos trabalhos fazendo um levantamento individual e em grupo de tudo o que foi trabalhado, chegando à conclusão de que alcançamos em parte os objetivos propostos' e que não devemos deixar que o comodismo tome conta dos nossos' interesses e ideais.

Considerações Finais

Ao iniciar o processo do estágio, senti grande dificuldade por encontrar a Escola sem Diretor, que por sua vez a desordem tomou conta em todos os sentidos, considerando assim que a falta de orientação pedagógica é um ponto negativo naquele educandário, o que acarreta vários problemas no decorrer de qualquer processo educativo, tendo em vista a ausência de um Supervisor que de fato, poderia tomar decisões perante tal situação, amenizando de forma gradativa, qualquer problema.

No final do estágio, observamos mudanças significativas face ao interesse dos professores e administrador, bem como ao meu esforço que de forma compreensiva, consegui, juntamente com as demais professoras, amenizar a agressividade existente entre professor e aluno e ao uso da sala de leitura, desconhecendo dessa forma o castigo.

Ativamente os professores estão levando todas as orientações para as salas de aula, principalmente o desenvolvimento da leitura e da escrita, como também a criatividade da criança, não deixando de lado os mínimos detalhes de mudança administrativo-pedagógica.

Portanto, apesar de uma educação defasada, das inúmeras crises enfrentadas durante o estágio, constatamos que os trabalhos foram por demais válidos, mesmo sabendo que estamos perante uma crise educacional que reflete uma experiência pedagógica seriamente vivida.

Assim sendo, sugiro que o Estágio de Supervisão Escolar com as próximas turmas seja realizado, ou seja, iniciado um período antes, para dessa forma terem disponibilidade de tempo para trabalharem na escola, uma vez que esse estágio venha tornar os professores bem acostumados com o supervisor, tornando-se assim, mais eficazes em suas ações pedagógicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- LIBÂNEO, José Carlos, "Democratização da Escola Pública: A Pedagogia crítico-social dos conteúdos." S. Paulo, Ed. Loyola, 1986, p. 45.
- MARQUES, Yolanda, "A Mágica do Aprender: Livro Integrado", 2ª série, 1º grau, Manual do Professor, S. Paulo, Nacional. 1986.
- PETEROSI, Helena Gemignani e FAZENDA, Ivani Catarina Arantes, "Anotações Sobre Metodologia e Prática de Ensino na Escola de 1º grau", S. Paulo, Ed. Loyola, 1985.
- Revista Nova Escola, "Para Professores do 1º grau", Ano I, nº 8 - novembro 1986, Fundação Víctor Civita, p.p. 58, e 59.
- Revista Nova Escola, "Para Professores do 1º Grau", Ano II, nº 13, junho 1987, Fundação Víctor Civita, p.p. 22, 23, 24 e 25.
- Revista Nova Escola, "Para Professores do 1º Grau", Ano II, nº 11, abril 1987, Fundação Víctor Civita, p.p. 20 e 21.
- SARGENTIM, G. Hermínio, "Atividades de Comunicação Em Língua Portuguesa", IBEP, São Paulo, s.d.

5 ANEXOS

5.1 - Proposta / Trabalho

Estágio

I; 1- Objetivos

- . Desenvolver atividades pedagógicas junto à comunidade escolar, tendo em vista a necessidade de um planejamento participativo e cooperativo.
- . Promover sessões de estudo pertinentes dos conteúdos e atualização de conhecimento nas áreas de comunicação e expressão, ciências e estudos sociais.

2- Definição do Trabalho

2.1- Fundamentação teórica

2.2- Treinamento em serviços

- . Planejamento participativo
- . Sessões de estudo sobre conteúdo e atualização de conhecimentos nas áreas de comunicação e expressão, ciências e estudos sociais.

3- Parte

- . Planejamento participativo.
- . Reuniões com professores e pais.
- . Conversa informal com os alunos.
- . Aplicação de questionários aos alunos.
- . Levantamento das questões geradoras pertinentes do planejamento.

II Parte

- . Sessões de estudo de conteúdos e atualização de conhecimento.

- . Levantamento das sugestões de sugestões.
- . Definição do cronograma de estudo / grupos (estagiários).
- . Produção dos textos.
- . Fichamento por autor e por assunto.
- . Discussão junto ao professor, orientador, sobre estudos' grupo (estagiários).
- . Definição do cronograma de estudo nas escolas.
- . Realização das sessões de estudos.

5 . 2 - Fichas de Leitura

5 . 2 . 1 - Leituras Expecíficas

RESUMO

Os problemas da Linguagem falada e escrita são bastante sérios e estão afetando muitas crianças nas fases pré-escolar e escolar. O problema não se restringe a determinadas Classes Sociais, e sim, a todas, aparecem quase na mesma proporção. Sendo na fala, troca de letras, o que é frequente entre as crianças.

Cabe ao professor dialogar com o Educando. Papel principal, melhor forma de chegar a qualquer descoberta dentro da sua habilidade. O aluno deve criar seus próprios exercícios, o professor dar prioridade às regras gramaticais, para evitar o domínio da carência que afeta a cada dia o Sistema Educacional.

Deve o professor, aplicar livros que desperte o apetite e a curiosidade do aluno, mostrar textos originários com adaptações, como também trabalhos necessários em sala de aula.

O estudo da Linguagem, traz em sua estrutura uma espécie de alicerce que a identifica. Linguagem esta, onde o homem forma a seu pensamento e a seus sentimentos, seu estado de ânimo e para as suas aspirações, a seu querer e a seu atuar. Todo trabalho de redação baseia-se em argumentações lógicas e para isso, é importante o potencial de conhecimento teórico e visão da realidade.

PETEROSSI, Helena Gemignani e FAZENDA, Ivani Catarina Arantes,
"Anotações Sobre Metodologia e Prática de Ensino na Escola'
de 1º Grau", São Paulo, Loyola, 1.985.

RESUMO

História e Geografia integram-se aos Estudos Sociais. Dentro da História aborda-se acontecimentos onde o professor mostra o interpretado por credices, não aplicando o ocorrido.

O Professor de 1º Grau trabalha apoiado sobre fatos e documentos essenciais.

Os livros didáticos de História adotados trazem assuntos com deturpações, em que o professor aplica hipóteses não conferidas na tentativa de enquadrar o assunto. Se faz necessário que os professores não usem assuntos como as civilizações antigas ou clássicas de uma maneira diretamente, mas sim, mostrando aspectos atuais informativos, ou seja, troca de informações.

A Geografia mostra o natural e o social. Localiza o homem dentro do meio e dos fatos. O homem deve aprender a Geografia como meios de recursos para trabalhar e ver a parte humanística dentro do meio e a não conservação do meio ecológico.

O professor deve aplicar o material mais adequado, com um estudo de observações diretas e indiretas.

Só a partir de certa idade é que a criança começa a decifrar e descobrir o lógico. A diferença de pessoas para pessoas depende do interesse e estímulo.

A motivação se faz necessária a criança, tem que chegar ao ponto de conhecer todo o seu meio através do bom desenvolvimento de treinos nas habilidades indispensáveis.

PETEROSI, Helena Gemignani e FAZENDA, Ivani Catarina Arantes
"Anotações Sobre Metodologia e Prática de Ensino na Escola
de 1º Grau", São Paulo, Loyola, 1.985.

RESUMO

O Campo da Ciência é vasto e nisto o professor tem que mostrar o suficiente para que o aluno também possa desenvolver-se só na sua aprendizagem.

O professor deve aplicar métodos que não explore a mente do aluno, apesar de muitas lacunas a preencher com ajustes que não saiam dos limites e que devem ser abordados, quer dizer, medidas ideais no seu desenvolvimento.

Os métodos fundamentais mais adequados no ensino das ciências é a observação, experimentação, solução de problemas, unidade de trabalho, discussão, leitura e método científico. Através destes, aguardamos condições para o aluno.

A tarefa do professor é servir de mediador entre o aluno e a natureza. Levando o aluno a questionar, investigar e procurar meios para as suas dúvidas. Fazendo o aluno explorar o ambiente que vive.

O professor deve mostrar disponibilidade e superar os problemas acarretados dentro do ensino das Ciências.

PETEROSSI, Helena Gemignani e FAZENDA, Ivani Catarina Arantes, "Anotações Sobre Metodologia e Prática de Ensino na Escola de 1º Grau", São Paulo, 1.985.

MARQUES, Yolanda, "A Mágica do Aprender", 2ª série, 1º Grau, São Paulo, Nacional, 1.986.

RESUMO

A parte fundamental da Matemática, são as quatro operações, talvez sem as mesmas a matemática não seria uma ciência exata. Composta as operações em número de quatro, sendo a adição a primeira das operações fundamentais de Aritmética.

Cabe ao professor ensinar a criança a juntar elementos da mesma espécie, que encontra-se em conjuntos separados, fazer' adicionar, ou seja, juntar e mostrar seu valor somado.

Sendo a subtração uma segunda operação, o professor deve levar a criança a desenvolver seus métodos de habilidades que necessitam para solucionar com a exigência de raciocínio lógico. Sua função é deixar um resto de tudo que é levado a uma solução' de determinada operação.

A terceira posição é aquela em que o professor leva o aluno a juntar e distribuir, não esquecendo que é um número maior pelo qual divide-se outro, conhecida como operação da divisão

A soma de parcelas iguais é a ação que indica a operação da multiplicação. Devemos facilitar, dar oportunidade à criança para inventar, criar, etc.

O Professor depende do Sucesso Escolar, necessitando superar certos preconceitos, admitirmos o mesmo desconhecer o conteúdo que vai lecionar. Cabe ao professor focalizar o essencial do assunto, dominando e mostrando condições favoráveis à aprendizagem.

5 . 2 . 2 - Leituras Gerais

UMA REALIDADE ...

O fracasso é o problema mais agudo e mais sério da educação brasileira.

É um problema complexo por que reúne aspectos negativos em número assustador.

Parece irremovível devido ao tempo em que está instalado entre nós.

É maciço devido ao número avassalador de crianças que atinge.

É antidemocrático devido a sua incidência seletiva na população pobre.

É elitista por afastar as crianças que mais precisam da escola.

É precoce por atingir as crianças no primeiro ano em que requeentam a escola.

É cruel e humilhador para o aluno, estigmatizado por não ser capaz de atingir os padrões propostos pela instituição escolar.

É caro para a família que arca com as despesas decorrentes.

É antieconômico para o governo que tem um custo aluno de dois anos de repetência, quando poderia pagar apenas um ano de aprendizagem na 1ª série.

PARA RELETER E RESPONDER

1. O texto se enquadra na sua realidade? Por que?
2. O que é fracasso escolar?
3. O que você tem a ver com esta situação? (justifique sua resposta)

ENSINAR

O Grande Desafio

Dia a dia, o verdadeiro professor procura perscrutar o que acontece em sua sala de aula. Deseja realizar de qualidade. Estará realizando? Que evidências têm ele nesse sentido?

Tentaremos focalizar os principais aspectos do ato de ensinar, os elementos-chave capazes de produzir desejáveis mudanças no aluno.

Começemos pelo aspecto pedagógico, propriamente dito.

Neste campo, fazemos grande conquista quando somos capazes e agrupar e estruturar elementos indispensáveis. O OBJETIVO: - o que se tem em vista é uma direção para a aula, um ponto de vista a ser alcançado. Selecionamos e organizamos um CONTEÚDO - um corpo de conhecimentos que provocará pensamento crítico e produtivo, gerará atitudes, levará à aquisição de habilidades. Deliberamos sobre PROCEDIMENTO DIDÁTICO, isto é, o instrumento mais adequado para cada fase do ciclo docente. O cuidado especial do professor para APRESENTAR UM NOVO CONTEÚDO é outro ponto a ser considerado, de modo a garantir ao mesmo tempo a continuidade, a sequência e a integração. O conteúdo de cada aula deve ser um passo à frente do estudo anterior; deve ocorrer uma espiral no conhecimento do aluno. Cada aula deverá levá-lo a ampliar gradativamente sua elaboração mental: ele se encontra com suas próprias idéias adquiridas em aulas anteriores, e as reelabora de maneira mais complexa, em nível cada vez mais elevado.

Para encontrar o resultado ou produto final de sua aula, indaga o professor qual a integração que a classe fez do assunto abordado. Que relacionamento pode estabelecer entre as unidades do programa escolar, as outras disciplinas e suas próprias experiências fora da escola? A classe terá, assim, adquirido conhecimentos, habilidades de compreensão, análise e avaliação de suas novas aquisições.

E todo esse complexo operacional se faz com a ajuda de recursos didáticos, ou seja, técnicas e materiais audiovisuais.

Compomos, assim, um quadro de referência com elementos que caracterizam o bom ensino: aula dirigida para determinado rumo, em função de objetivos definidos, corpo de conhecimentos e procedimentos didáticos capazes de levar à consecução dos objetivos.

Ora, em consequência, sabemos que realizar tudo isso não é tarefa fácil. É um desafio à nossa experiência profissional, ao nosso desejo de crescimento e de sucesso no magistério.

É um empreendimento de alto valor, mas não é tudo ainda! É condição imprescindível, mas não suficiente. Na realidade, ensinar é, essencialmente, sequência de ação humana bem integrada. Deve ser refletida em seus próprios termos, como experiência humana. É ato interpessoal, é tentativa para influenciar o outro, psicologicamente. É ato de comunicação, por excelência. O professor espera comunicar ao aluno uma idéia, levá-la à avaliação do conhecimento adquirido para uma possível aplicação. E não é fácil conseguir dele tal comportamento, principalmente quando não compartilha das mesmas convicções do professor sobre o tema. Às vezes o aluno não compreende bem o significado do fato ou da idéia em comunicação, ou resiste aos esforços do professor. O ensino é também um processo de superar a resistência às mudanças, e não somente de transmissão da palavra ou de sinais não-verbais. Inclui o ato social de assumir o papel, a posição, o ponto de vista do outro, no caso, do aluno, com o propósito de conhecer o contexto e a significação, para o próprio aluno, daquilo que está sendo comunicado. De acordo com George Mead, "assumir o papel do outro é uma experiência interpessoal, em que alguém julga a capacidade do outro, para uma comunicação receptiva, no próprio momento em que ela ocorre.

Enquanto o professor fala, o aluno pode interpretação de notativa ou conotativa, ou mesmo ambas. Devemos estar, pois, alertas para esse ponto, e especialmente para os sentimentos ou apreciação que podem surgir na classe, com o significado conotativo que os alunos deram à aula. É que boa comunicação requer adequada apreciação das relações entre a expressão verbal e o tom de afetividade a ela associado.

O aspecto semântico relacionado com o apreciativo resulta na experiência psicológica conhecida como EMPATIA, indispensável nas relações professor-aluno. É necessário interpretarmos intuitiva e intelectualmente o efeito de nossa palavra sobre a classe. Muitas vezes somos capazes de nos comunicar bem, verbalmente, mas incapazes de nos relacionarmos com nossos alunos em alto grau de empatia.

Que evidências poderíamos ter da comunicação, bem sucedida? Dentre outras, costumam ser significativas as seguintes: alunos reagem com expressões ou gestos; alunos desinibidos, de comportamen-

to "aberto"; ausência na classe daquele silêncio embaraçador, tenso, desconcertante. Se nos falta a capacidade de avaliar o que seja "senso de encontro com a classe", nem chegamos a perceber que a aula não foi realmente boa, apesar de muitos outros pontos positivos.

(AUTOR DESCONHECIDO)

Extraído da revista CRIANÇA E ESCOLA

Como deve ser o diretor ideal?

Para a maioria, o diretor ideal ainda é uma aspiração. Mas não um sonho irrealizável. Se escolhido pela eleição direta, fortalecendo-se a participação da comunidade escolar e o envolvimento do diretor com essa comunidade, chegaremos lá. Confira as opiniões.

Comprometido com o seu trabalho



Agenor Mariano

Cláudia A. Pereira, 25 anos, prof. 1.ª série, Rio Branco (AC).

Nem do tipo autoritário-centralizador — que faz os professores se acomodarem à sua vontade —, nem do bonzinho — que não obriga as pessoas a assumirem suas responsabilidades —, o diretor ideal deve ser seguro e aberto, para trabalhar com a escola toda. Deve conhecer a psicologia da criança, para não ser apenas um punidor, e ter um compromisso político com o seu trabalho, acreditando que a Educação pode melhorar a partir da escola, com o apoio da comunidade. E deve ser eleito diretamente.

58 NOVA ESCOLA

Eleito pela comunidade escolar



João Ramal

Socorro Patriarca, 27 anos, prof. 1.ª e 2.ª Graus, Belém (PA).

Primero, todos deveriam participar do planejamento escolar — do diretor ao vigia —, pois aí cada escola teria identidade própria. Então, eleito diretamente pela comunidade escolar, o diretor começaria a se politizar e a se auto-criticar. Haveria espaço para um diálogo aberto dentro da escola e as deliberações seriam tomadas em conjunto. Não se pode conceber um diretor ideal, enquanto esse for um cargo de confiança do secretário da Educação.

Presente e aberto ao diálogo

Eleito diretamente pelo corpo docente, ele deve manter um diálogo aberto com os professores e alunos — condição para se fazer um dos mais bonitos exercícios da Educação. Sua presença na escola deve ser permanente, para que se integre no ní-

vel desejado, — e saiba defender os interesses de professores e alunos.

Ediva S. Souza, 27 anos, prof. 5.ª e 6.ª séries, Manaus (AM).

Próximo de alunos e professores

Sem ser burocrático, o bom diretor é o que está próximo dos professores e alunos, consciente da realidade de sua escola. Maleável, precisa saber adaptar as ordens superiores, dar autonomia ao professor e ouvir as experiências de todos, para tomar decisões coerentes.

Carmélia Genta, 60 anos, prof. 6.ª série, São Paulo (SP).

Um administrador em defesa da escola



Dario de Almeida Prado

Sueli Trarbach, 46 anos, prof. de 7.ª e 8.ª séries, Florianópolis (SC).

O diretor deve ser eleito diretamente e assumir compromissos de defesa das propostas elaboradas pela comunidade. Deve acatar e encaminhar as decisões do Conselho, respeitar as do Grêmio e da

Assembléia de professores, alunos e pais de alunos. Além disso, deve ser professor há cinco anos e estar há dois anos naquela escola.

Capaz de ousar mudanças



Fátima Batista

Antonio Alves, 35 anos, prof. 5.ª e 6.ª séries, Recife (PE).

Diante do grande número dos formados em Pedagogia, com especialização em Administração Escolar e que nunca viram pela frente um giz ou um apagador, concluo que o curso de Administração Escolar é o último requisito necessário a um diretor de escola. Ele precisa é de capacidade de liderança, experiência em sala de aula, em coordenação e supervisão e, sobretudo, de coragem para ousar mudanças em favor da escola.

Disposto a apoiar os professores

cartaz "Não perturbe, estou ocupado" é a primeira coisa que um bom diretor deve fazer desaparecer da escola. Ele precisa ter capacidade de liderança, coragem para lutar por melhores condições para seus professores e alunos, ser criativo e preocupar-se em manter o corpo docente atualizado sobre as leis do ensino, suas mudanças e renovações. É fundamental também apoiar os professores em suas idéias, novas propostas e decisões.

Suzle S. Pereira, 23 anos, prof. 1.º Grau menor, São Paulo (SP).

Comprometido com as transformações

A escola é o futuro, e o diretor ideal precisa se comprometer com esse futuro, aceitando as transformações do ensino como algo natural, até a ser estimulado. Ele precisa ser da própria comunidade e não pode se comprometer com a Educação apenas durante o período político para o qual foi nomeado. Por isso deve ser eleito.

Marilaine R.P. Vieira, 36 anos, prof. 1.ª série, Cuiabá (MT).

Quanto menos determinante, melhor



Agenor Mariano

Antonio M. Rodrigues, 27 anos, prof. 7.ª e 8.ª séries, Rio Branco (AC).

É obrigatório ter passado pelo crivo das eleições, exercendo a diretoria junto com a comunidade. Precisa estar atualizado sobre a produção didática, ser criativo e encarar os professores como profissionais que pensam, têm propostas de trabalho, dificuldades e deficiências. Deve ter sensibilidade para com os problemas da juventude e envolver-se nas lutas da categoria.

Preocupado com a comunidade escolar

Além de dinâmico ele deve ser democrático, para desenvolver um trabalho voltado aos interesses da comunidade escolar. Pré-requisitos: formado em Pedagogia, especialização em Administração Escolar e

eleito diretamente. É preciso também ter vivência e conhecimento da comunidade.

Allton F.S. Oliveira, 24 anos, prof. 1.º e 2.º Graus, Aracaju (SE).

Não é importante que seja eleito



Prof.ª Nêne

Telma Héloisa, 31 anos, prof. 1.º Grau menor, Campo Grande (MS).

O diretor ideal deve dividir as responsabilidades com os professores, sem perder seu posicionamento próprio. Deve ser um tipo exemplar, assíduo no trabalho, simpático, mas nunca omissivo. No ano que vem teremos eleição direta para diretores, mas não sei se isso resolverá a questão: deverá ganhar quem tiver maior poder de persuasão, não mais competência.

Eleito e ligado à Educação

A maior exigência é a de que fosse alguém ligado à Educação, eleito por pais, professores e alunos, afastando os critérios políticos que levam à escola advogados e engenheiros que não entendem do que vão fazer. Depois, que através da participação da comunidade as decisões fossem democratizadas, da formação de grêmios à programação curricular.

Iracides V. Quichadeira, 36 anos, prof. 5.ª e 8.ª séries, Goiânia (GO).

Reportagem de Ivânia Vieira, Francisco Karam, Flaminio Araripe, Lane Bastos, Betânia Mascarenhas, Jussara Pereira, Jefferson S. Pereira, Rose Rodrigues.

Como você usa o castigo em sua sala de aula?

O

1
50
ut
de
a
d:
u

P
p
o
fi
“
j

e
é
l

t
r
c

c
c
j

U sado nas suas mais diferentes formas, da simples advertência oral ao sacrifício físico, o castigo sempre esteve presente nas escolas brasileiras, servindo muitas vezes de instrumento de dominação do professor sobre a classe. Vários professores contam a Nova Escola como lidam com essa questão em sala de aula. E mostram que, apesar da aparente rejeição à idéia do castigo, ele ainda é uma forma comum de resolução dos problemas de indisciplina.

O berro do Tarzan é meu grande instrumento



Lucilia Guimarães

Helena da Gama Lobo d'Eça
49 anos
8.ª série
Curitiba (PR)

E u falo uma, duas, três vezes. Se não for ouvida, dou o grito do Tarzan e aí vem o silêncio sepulcral. Primeiro tento uma solução mansueta, mas ainda acho que o berro é o melhor instrumento. Esta história de orientadora educacional e psicóloga fi-

20 NOVA ESCOLA

carem dizendo que não pode gritar, que a criança vai ficar com trauma, não serve. Mandar o aluno para fora da classe, dificilmente eu mando. Geralmente é isso mesmo que ele quer e acaba até gostando da punição.

Considero uma afronta ao aluno

S ou contra o castigo em sala de aula. Acho antididático e uma afronta à personalidade do aluno. Quando pinta algum problema, tento conversar com a criança. Quando percebo que há algo além da indisciplina, chamo os pais para uma conversa. Juntos fica mais fácil encontrar uma fórmula de ajuda para o aluno superar seus problemas em classe.

Antonio Fernando Costa, 25 anos, 7.ª e 8.ª séries. Aracaju (SE)

Só uso o castigo em falta grave

S ó coloco meus alunos de castigo se a falta for grave. Quando alguém me responde mal, bate num coleguinha ou cola na prova. Quando eles aprontam uma daquelas, eu suspendo o recreio, que é a coisa de que eles mais gostam. Se eles fazem uma coisa que sabem que não me agrada, me

dão o direito de fazer ou que não os agrada. Acho que a criança precisa aprender a respeitar o adulto e, quando isso não acontece, precisa ser castigada para aprender. É preciso mostrar que quem manda na classe é a professora.

Damária Souto Lourenço, 7.ª série, São Paulo (MA)

Quem não acaba a lição não brinca no recreio



Lucilia Guimarães

Chantal Mouchbal
25 anos
1.ª série
Curitiba (PR)

O castigo só é usado pelo professor que não tem mais autoridade com seus alunos. Se a criança ficar com medo do professor, ele acaba transformando-se em ameaçador. É claro, porém, que as crianças têm de estar conscientes das tarefas a cumprir. Nas minhas aulas, quem não acaba a lição durante a aula não vai brincar no recreio. Quando acho que um trabalho não está bem feito, apago o trabalho e exijo que a criança faça-o novo e melhor.

Sempre que castigo explico o porquê



Luiz Tostes / Lumen

Avani Maria dos Reis Rosa
34 anos
Brasília (DF)

Não dou um castigo por dar. Acho que a gente tem de trabalhar a criança, dizer por que ela está levando o castigo. Se um aluno deixa de fazer a tarefa, por exemplo, ele deve levar a lição para casa ou ficar depois da aula fazendo. Esta atitude, entretanto, deve sempre vir seguida de uma explicação, do porquê do castigo.

Abaixo a nota. Mas isso não é castigo

Nunca usei castigo. Conversando e mostrando o porquê das coisas é muito mais fácil dobrar uma criança. Punir resolve o problema na hora, mas na primeira oportunidade ele se repetirá, porque não foi entendido. Quando um criança não faz a lição ou a faz com descaso, eu abaixo a nota. Não acho, porém, que isto seja castigo. É uma forma de mostrar a ela que é preciso esforçar-se mais para não repetir de ano.

Gilmara Calicchio, 22 anos, 2.ª série, São Paulo (SP)

Uso o bom senso. Quem colar leva zero

Sou contra o uso da punição. Entendo que a regra básica para controlar a classe é

o bom senso. Cabe ao professor examinar cada caso de indisciplina e tentar sempre o diálogo. Sou um professor feliz por não ter problemas de indisciplina, porque tenho como preocupação formar uma base sólida de relacionamento com eles. O castigo seria um abuso de direito. Os limites existem, entretanto, e sou bem claro quanto a isto. Aluno que colar leva zero. Posso dar outra prova que será muito mais dura que a primeira. Mas isto não considero castigo.

Martin Saraiva Barbosa, 5.ª a 8.ª séries, Porto Alegre (RS)

Aplico uma punição para sacudir o aluno



Luiz Tostes / Lumen

Vera Lúcia Oliveira dos Santos
40 anos
1.ª a 4.ª séries
Brasília (DF)

Castigo não leva a nada. Quando um dos meus alunos deixa de fazer a lição de casa, mostro que ele próprio será o prejudicado pelo desleixo. Que ele, assim, ficará de recuperação no final do ano. Quando chego a aplicar algum tipo de punição, não considero castigo. Ela servirá apenas para "sacudir" um pouco o aluno.

O indisciplinado vai para a diretoria

Não costumo castigar, mas, para manter a disciplina, a gente sempre diz que vai tirar nota e também manda sair da sala de aula. Aqui na escola costumamos mandar o aluno

rebelde para a diretoria, onde ele recebe uma advertência.

Cleide Dias da Rocha, 24 anos, 3.ª e 4.ª séries, Campo Grande (MS)

Mando repetir vinte ou trinta vezes a lição



Dilermando Cabral Jr.

Maria de Fátima M. Veigas
38 anos
4.ª série
Belém (PA)

Procurro não castigar meus alunos. Quando eles estão muito inquietos, entretanto, não tem outro jeito. Normalmente eu os mando repetir vinte ou trinta vezes as lições que já foram corrigidas. Além de melhorar a caligrafia, este castigo serve também como uma reflexão para que se auto-disciplinem.

Desconheço o castigo. Uso o jogo aberto

Não uso castigo de forma alguma. Em sala de aula procuro manter o respeito com minha própria competência. Procurro conversar individualmente e sempre faço jogo aberto. Se não cativarmos o aluno em sala, ele irá perder o interesse pela aula e não mais prestará atenção. Em consequência vai surgir a indisciplina e o desrespeito. Se você não vender seu peixe, não adianta nada aplicar um castigo.

José Carlos Presente, 38 anos, 5.ª série, Campo Grande (MS)

Reportagem de Inês Martins, Jusara Pereira, Lane Bastos, Martha Feldens e Rosemeyer Rodrigues.

AIDS, uma nova lição no quadro-negro

"Cuide-se, pelo amor que você tem por você mesmo", alerta o Centro Educacional Objetivo, que pôs o estudo da doença no currículo, a partir da 7.ª série do 1.º Grau.

"AIDS mata. Não tem cura. Ninguém pode deixar de saber o que é e morrer por descuido. Morrer de AIDS não é vergonha. Vergonha é poder evitar essa doença e não fazê-lo. Cuide-se. Esteja atento. Pelo amor que você tem por você mesmo."

Com este alerta, contido numa pequena apostila de 28 páginas, distribuída no início do semestre escolar, o Centro Educacional Objetivo começou a preparar seus alunos para a guerra contra a AIDS. Incluiu o estudo da doença nos currículos de Ciências (7.ª e 8.ª séries do 1.º Grau) e Biologia (2.º Grau e pré-vestibular). E entregou a cerca de quarenta mil jovens, de São Paulo e vários outros Estados, a única arma disponível no momento para combater esse terrível inimigo: a informação.

"Desde o ano passado, os alunos vinham perguntando muito sobre a doença. Eles ouvem no rádio e na TV, lêem nos jornais e chegam à escola em busca de informações concretas", diz o professor Ângelo José Vieira, 40 anos, encarregado de expor a matéria no 1.º Grau,

em aulas com duração de até três horas, dependendo do interesse dos alunos, que é sempre muito grande. Sem os risinhos e as gozações comuns em situações como estas, eles acompanham com muita atenção cada momento da explanação, apoiada em imagens transmitidas por terminais de vídeo. Fazem uma porção de perguntas, levam a apostila para casa, lêem e voltam no dia seguinte com novas perguntas, pedindo mais exemplares para dar aos amigos, aos parentes, à empregada, ao porteiro do prédio...

"Já é hora de falar abertamente"

"A gente começa a namorar um carinha e às vezes pensa que sabe tudo a respeito de sexo. Quando passa o tempo, percebe que corre o risco de pegar essa doença", diz Cláudia de Souza. Como os outros alunos do 1.º Grau ouvidos por *Nova Escola*, ela aprova a iniciativa do Objetivo. E conclui que a AIDS "vai acertar os ponteiros da vida sexual, porque as pessoas vão ter que fa-

zer sexo com um pouco mais de responsabilidade".

Fábio Nomura, 14 anos, conta que "dá até alívio" participar dessas aulas, porque é o único meio de saber tudo sobre AIDS, já que em casa, seguindo ele, sua família preferiu evitar o assunto.

"Achamos que era hora de tratar abertamente a questão da AIDS na sala de aula", diz o professor Clézio Morandini, 55 anos, coordenador de Biologia e introdutor do programa sobre AIDS na escola.

O professor Vieira conta que no início temeu pela reação dos pais. O tema é complexo e delicado, admite. Afinal, para ajudar seus alunos a se prevenir contra esse terrível inimigo, ele explica primeiro que são vírus, dá conceitos de imunologia (antígenos, anticorpos, linfócitos T etc.). E, ao mesmo tempo em que analisa o contágio da doença por transfusões de sangue e injeções de drogas, acaba entrando inevitavelmente na discussão sobre comportamento sexual. Trata então de temas inusuais nas salas de aula de pais, como o homossexualismo, relações anais, vagin-



Foto de Antonio Carlos Matêida

Aula sobre AIDS no Objetivo, de São Paulo: a informação ainda é a melhor arma contra a ameaça da doença

sexo oral e o uso da camisa-de-vênus, a camisinha — aliás, segundo os médicos, o meio mais seguro de impedir o contágio na relação sexual.

“A questão social é delicada”

No começo, alguns pais não aprovaram a conduta da escola, diz o médico João Carlos Di Gênio, diretor do Objetivo. “Mas depois a disposição deles mudou muito. Pediram até para terem também aulas sobre AIDS”.

“Nós vemos sexo o dia inteiro na televisão, no cinema, nos outdoors”, constata Lucimeire Ferreira, 16 anos. “Como alguém pode questionar a importância de uma aula que fala sobre sexo, num ambiente propício, com gente interessada em ensinar e aprender?”

A médica dermatologista Valéria Petri, por exemplo, questiona. Conhecida em São Paulo por ter diagnosticado o primeiro caso de AIDS registrado no país, ela se declara totalmente favorável a iniciativas como a do Centro Educacional Objetivo. Adverte, porém, contra o risco de se estudar a doença “sem maior profundidade”.

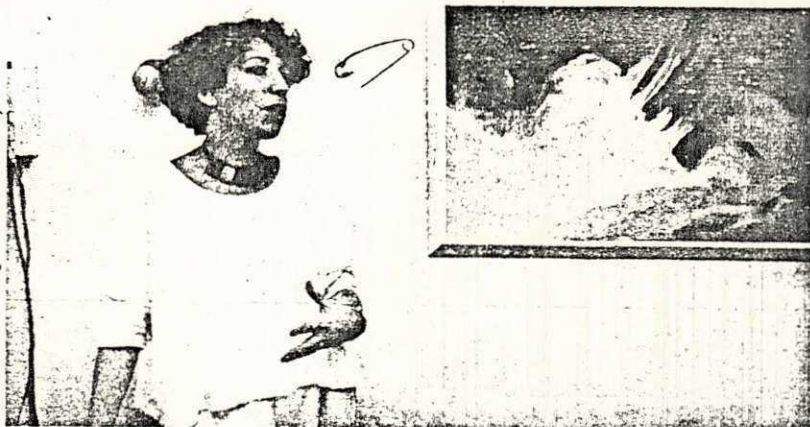
“A questão social associada à AIDS é muito delicada. Reativa uma série de conceitos arcaicos... Que fazer sexo é pecado, que devemos reprimir a sexualidade, que pessoas que desfrutam do prazer sexual devem ser castigadas etc”, diz Valéria. Ela lembra as dificuldades enfrentadas no combate à AIDS: “Não conseguimos ajudar eficazmente as pessoas doentes. Há uma total incapacidade no controle da doença, dos contaminados que ainda

não adoeceram e dos indivíduos que ainda vão se contaminar”. Tudo isso, associado ao problema da moralidade, precisa, segundo a médica, ser muito bem transado, para não cair no fracasso, mesmo que as tentativas sejam bem-intencionadas.

“O educador deve estar habilitado”

Valéria defende a educação sexual nas escolas. Mas observa que é preciso saber o que o professor vai passar aos alunos. “Às vezes fico na dúvida se não é preferível não dar educação sexual para não cair no falso liberalismo, no moralismo religioso, no encouraçamento do espírito”, afirma. E argumenta: “Os educadores precisam ser pessoas habilitadas. Precisam ter formação li-

Foto de Abril Images/Renato dos Anjos



Valéria contra os tabus: "Os educadores precisam ter formação liberal"

beral e não conservadora. Não podem, por exemplo, dizer que ser homossexual é crime, é doença". E acrescenta: "Deve-se promover uma educação sexual com muita consistência e bastante honestidade, deixando de lado tabus e mitos. Sem a noção de pecado e de coisa proibida para que nossas crianças aprendam que a sexualidade bem exercida é gostosa. E torna a pessoa plena e saudável." Apesar da AIDS, segundo Valéria.

Em Brasília, ao saber que o Objetivo estava dando aulas sobre a doença, a médica Lair Guerra Macedo, coordenadora do Programa Nacional de Controle de Doenças Sexualmente Transmissíveis e AIDS, observou: "O meu medo é que as escolas se antecipem e dêem informações contraditórias do ponto de vista técnico e científico".

O Ministério da Saúde, segundo a médica, pretendia estender às escolas a campanha de prevenção veiculada pelos meios de comunicação, através da distribuição de material didático completo com informa-

ções não apenas sobre a AIDS, mas também sobre as outras doenças sexualmente transmissíveis e conceitos de sexualidade. Por falta de recursos, porém, esse material só poderá estar pronto em 88.

Por enquanto, segundo promessa da coordenadora, as escolas contarão apenas com material informativo "informal" — folhetos e cartazes sobre AIDS — distribuídos pelas secretarias estaduais e municipais de Saúde.

O Ministério da Educação não tinha, até o início de abril, uma estratégia definida para entrar na guerra contra a AIDS. Apenas recomendava às secretarias estaduais e municipais de Educação que incluíssem informações sobre a doença nas aulas de Ciências e Biologia.

Colaboraram neste especial: Davi Oliveira (BA), Débora Chaves (SP), Francisco Karam (SC), Jeanlce Dias Ramos (RS), Jussara Pereira (SP), Lane Bastos (PA), Maria Inês Martins (DF), Martha Feldens (PR), Nilcéa Nogueira (SP), Rosângela Guerra (MG), Rosemeyer Rodrigues (MS), Valéria Fernandes (RJ) e Vera Gomes (PE).

Algumas coisas que você precisa saber

- 1 - AIDS (sigla de Acquired Immunity Deficiency Syndrome - Síndrome de Imunodeficiência Adquirida) é uma doença causada pelo vírus conhecido como HTLV ou HIV (Vírus Imunodeficiência Humana) que ataca e destrói o sistema de defesa do organismo, deixando-o exposto a uma combinação fatal de infecções, um ou mais tipos de câncer, como linfomas e o sarcoma de Kaposi (câncer de pele).
- 2 - A AIDS é transmitida por líquidos produzidos pelo corpo (principalmente sangue ou derivados, secreções vaginais e leite materno).
- 3 - A AIDS ainda não tem cura. Apesar das pesquisas realizadas em vários países, não foi descoberto até agora o remédio capaz de matar o vírus da doença. Alguns estudos indicam a possibilidade de prolongar a vida de alguns pacientes através do medicamento AZT (Azido deoxitimidina) ou de reduzir ou mesmo impedir, o risco de aparecimento da doença nos infectados, com a aplicação de Ribavirina.
- 4 - Ainda não existe uma vacina preventiva contra a AIDS. Segundo cálculos dos cientistas, ela provavelmente só será descoberta num prazo de cerca de dez anos.
- 5 - A doença já atingiu cerca de 1 300 pessoas (casos notificados) no Brasil e 42 milhões em todo o mundo.

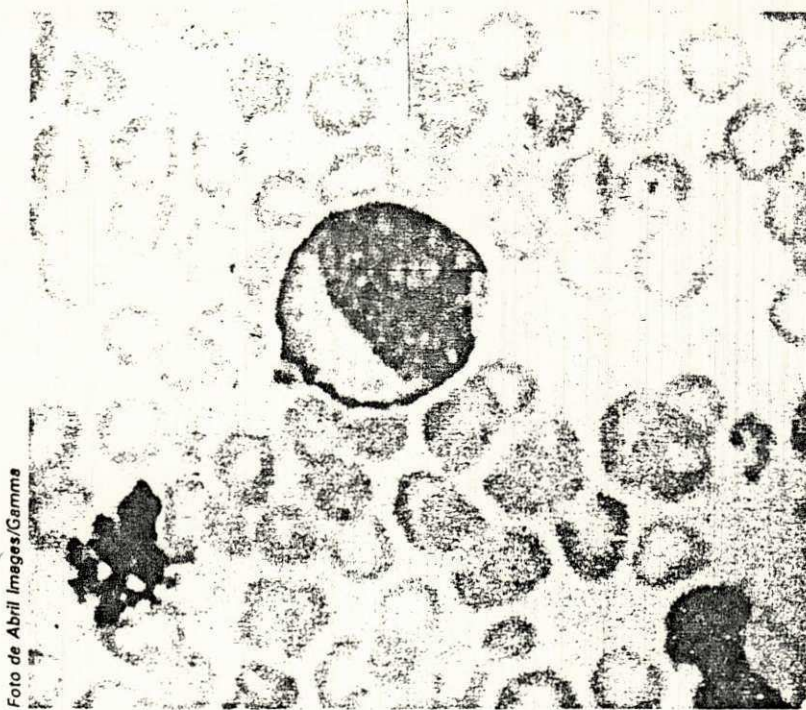


Foto de Abril Images/Gamma

O vírus da AIDS: um inimigo microscópico, ainda imbatível

6 - O vírus da AIDS teria surgido, pela primeira vez através de uma possível mutação no macaco verde da África, que o transmitiu para o homem.

7 - Pelas observações feitas até agora, alguns médicos concluem que apenas 25 ou 30% das pessoas infectadas pelo vírus contrairão a doença num prazo de até sete anos. Outros acreditam que, a longo prazo, todos os infectados ficarão doentes. Outros ainda pensam ser possível que o organismo de algumas pessoas seja capaz de destruir o vírus, desenvolvendo imunidade contra a doença.

8 - Quem precisar tirar a dúvida pode fazer um teste de laboratório (Elisa, Western Blot ou imunofluorescência), que indica se a pessoa teve contato com o vírus.

9 - Os grupos de maior risco (pessoas com maior possibilidade de serem infectadas pelo vírus) ainda são, segundo os cientistas, os homossexuais e bissexuais masculinos, os viciados em drogas injetáveis e os hemofílicos ou qualquer pessoa que receba uma transfusão de sangue.

10 - As relações anais, entre homens ou entre um homem e uma mulher, são as de maior risco, pois o tecido do ânus absorve com mais facilidade o sêmen. O atrito inevitável nesse tipo de relação provoca em geral microlesões imperceptíveis que facilitam a contaminação. Mas ela pode ocorrer também, segundo os médicos que estudam a doença, através de relações vaginais ou orais.

11 - A camisinha (camisa-de-

vênus) é, por enquanto, o método preventivo mais seguro, em qualquer tipo de relação.

12 - Os cientistas ainda não chegaram a uma conclusão definitiva sobre a transmissão do vírus pela saliva, apesar de ele já ter sido encontrado na saliva de pessoas infectadas.

13 - A AIDS não se transmite num aperto de mão ou na convivência de pessoas num mesmo ambiente. A maioria dos médicos acredita também que não é possível pegar a doença através do uso de um copo, um cigarro ou um banheiro comum.

14 - Sabe-se hoje que o vírus pode sobreviver de 24 a de 48 horas fora do organismo humano, em meio úmido. E existe a possibilidade de contaminação através dos instrumentos de dentista ou de manicure, se eles não forem devidamente esterilizados.

15 - Poucos hospitais ou centros de saúde fazem, no Brasil, testes de anticorpos para a AIDS no sangue usado em transfusões. A população precisa estar atenta a isso. Principalmente nas cidades menores, é importante que a comunidade se mobilize e cobre das autoridades da área de Saúde a implantação do teste.

16 - Esse terrível inimigo do ser humano é extremamente pequeno e só pode ser visto num microscópio eletrônico. E faz todo esse estrago que já conhecemos apenas porque é incapaz de realizar sozinho suas funções vitais, especialmente a reprodução. Daí sua "avidez" pelas células do nosso corpo, onde cumpre seu ciclo reprodutivo.